

## A VERTENTE SOCIALISTA NA EDUCAÇÃO DE MAUÁ<sup>1</sup>

Marli Maria Silva Quintanilha<sup>2</sup>

Celina Midori Murasse – DFE/ UEM<sup>3</sup>

**RESUMO:** É um estudo sobre a educação no século XIX, durante a construção e consolidação do Império do Brasil, e que toma como ponto de partida o pensamento de Irineu Evangelista de Sousa, o Visconde de Mauá. A peculiar formação profissional e intelectual – de base econômica e longe dos bancos escolares – que este recebeu fez dele um típico inglês, defensor da indústria e do trabalho assalariado e o tornou profundamente diferente da elite dirigente agrária, escravocrata e de formação humanista. Em suas idéias se percebem as influências filosóficas do socialista utópico Saint-Simon, um entusiasta da industrialização. Esta pesquisa histórica, de cunho bibliográfico, se pautou em fontes primárias impressas bem como em fontes secundárias impressas cujos autores, tanto contemporâneos quanto do século XX, abordam a temática ou o período delimitado para a mesma.

*Palavras-chave:* educação-Brasil-séc. XIX; educação-Mauá.

## THE SOCIALIST TENDENCY IN THE EDUCATION OF MAUÁ

**ABSTRACT:** Current research comprises an analysis on education in Brazil in the 19<sup>th</sup> century during the establishment and the consolidation of the Brazilian Empire and is based on the philosophical thoughts of Irineu Evangelista de Sousa, the Viscount of Mauá. His peculiar professional and intellectual training, essentially informal and economically pervaded, transformed him into an English-styled gentleman, defender of the industry and of waged workers. These factors made the Viscount of Mauá deeply different from the agriculturally minded Brazilian elite, whose ideas were based on a humanist training and on a slave-supported society. The philosophical influences of Saint-Simon and his utopian socialism, coupled to his enthusiasm for industrialization, may be detected. Current historical and bibliographic research is based on published original and secondary sources whose authors, contemporary to the Viscount and to us, deal with the theme or the period under analysis.

*Key words:* Education in 19<sup>th</sup> Century Brazil; education-Viscount of Mauá.

### Introdução

Esta é uma pesquisa histórica que resgata o pensamento de Irineu Evangelista de Sousa, o Visconde de Mauá<sup>4</sup> porque busca, no conjunto das condições sociais, políticas, econômicas e culturais da época, os princípios fundamentais que justificam as suas convicções pessoais, bem como permite conhecer a sua trajetória educacional, apontando os fatores determinantes para a sua formação industrial frente a uma sociedade de base agrária. Em seu pensamento percebe-se, nitidamente, a influência das idéias socialistas.

Este resgate se pautou, primordialmente, em fontes documentais primárias impressas, tais como, autobiografia, texto econômico e cartas de autoria de Irineu Evangelista de Sousa. Além destas, examina as fontes secundárias impressas tanto de autores contemporâneos quanto do século XX, que abordam a temática e o período delimitado para esta pesquisa.

O presente estudo não pretende competir com Alberto de Faria, Lídia Besouchet, Roberto Bianchi, Cláudio Ganns, Heitor Ferreira Lima e Jorge Caldeira, autores e biógrafos que fizeram estudos respeitáveis sobre Irineu Evangelista de Sousa a partir dos seus escritos e

da sua história pessoal, descrevendo minuciosamente a sua trajetória desde o seu nascimento, infância, desenvolvimento do tino empresarial até a ascensão e depois o declínio como homem de negócios.

Esta investigação se propôs a analisar os fatos levando em consideração as circunstâncias em que foram estabelecidas as múltiplas relações que deram origem à realidade na qual Irineu Evangelista de Sousa estava inserido, pois se entende que somente na compreensão do geral é que o particular encontra explicação. O materialismo histórico é, portanto, o método de análise utilizado neste estudo. A respeito desta metodologia, Buffa diz:

[...] o homem faz a História nas condições dadas pela história: ao mesmo tempo que os homens são livres e criativos, são também enraizados. Há pois que se considerar a relação dialética entre sujeito e objeto no processo de conhecimento. Assim, o historiador não parte propriamente dos fatos e sim de materiais históricos, fontes, com a ajuda dos quais constrói os fatos históricos. Se ele os constrói, os fatos históricos, mais do que ponto de partida, são resultado de um processo. (BUFFA, 1990, p. 14).

## 1 A educação de Irineu Evangelista de Sousa

Em 1822, no alvorecer do Império do Brasil, Irineu Evangelista então com nove anos de idade, desembarcou no Rio de Janeiro, cidade na qual viria a falecer em 21 de outubro de 1889, poucos dias antes do fim do Estado Imperial. Assim, segundo Vainfas (2002, p. 388), “sua vida confunde-se com a do Império, não só cronologicamente, mas por sua participação ativa para inserir o Brasil nos quadros da modernidade”.

Ao desembarcar na capital do Império, o menino poderia realizar o destino, conforme afirma Caldeira (2001, p. 53), preconizado por sua mãe “[...] ao menos Irineu faria sua vida com aquilo que ela tinha ensinado, e que valia tão pouco naquela terra selvagem”.

Nesse sentido cabe esclarecer que, com a morte do pai aos cinco anos, a vida de Irineu tomou um rumo diferente do que normalmente ocorria: em vez de ser levado à estância de algum parente para se tornar apto ao trabalho e assim assumir o papel de homem da casa, sua mãe preferiu ensiná-lo a ler, escrever e fazer contas. Esta opção, afirma Caldeira (2001, p. 53), não era exatamente valorizada na região, pois saber escrever por ali funcionava mais como um toque de distinção aristocrático do que como atividade útil. A mãe de Irineu Evangelista de Sousa – Mariana de Jesus Batista – foi, portanto, sua professora de primeiras letras, numa época em que a maioria das mulheres brasileiras era analfabeta.

No que se refere à educação das mulheres do Rio Grande do Sul, entre 1820 e 1821, Saint-Hilaire (1939, p. 108) afirma que, em todas as partes do País percorridas por ele até àquela capitania, não existia nenhuma instituição destinada à educação de meninas. Estas eram criadas no meio dos escravos e aprendiam, desde a mais tenra idade, os vícios deles “[...] adquirindo ao mesmo tempo o hábito do orgulho e da baixeza.” Muitas eram as que não aprenderam a ler e a escrever. Apenas lhes ensinavam a costurar e a declamar coisas que não entendiam, prossegue o autor, “[...] por isso as brasileiras são em geral desconhecedoras dos encantos da sociedade e dos prazeres da boa palestra”. Todavia, continua o autor, naquela região, as mulheres se escondiam menos que as das capitanias do interior. Elas possuíam “vistas mais largas”, eram menos tímidas e conversavam um pouco mais, no entanto, ainda estavam muito distantes da mulher européia.

Ainda com relação às mulheres do Rio Grande do Sul, Pedro (1997, p. 278) descreve a existência de inúmeras mulheres que, devido às constantes ausências do marido, assumiam o comando das estâncias, trabalhando e provendo, sozinhas, o sustento de sua família.

Saint-Hilaire (1939, p. 108), comparou a educação da mulher européia com a educação da mulher brasileira, em um baile na “[...] casa de um dos mais ricos comerciantes da província do Rio Grande do Sul”. O autor afirma que as mulheres do Rio Grande do Sul, apesar de possuírem um belo porte e boa cor, eram destituídas da graça e dos atrativos que a educação social imprimia, uma vez que lhes era negado o acesso a ela.

Assim, com relação à educação feminina no país, sustenta Almeida (2000, p. 60), o plano de construir escolas primárias para meninas ficou como um desejo, uma aspiração, uma vontade viva, embora algumas delas tenham sido criadas, não havia frequência. No relatório do Ministro do Império de 1832, prossegue Almeida (2000, p. 61), encontramos a seguinte declaração: “as escolas de meninas são pouco freqüentadas. Não é de se espantar, porque desde há muito, os pais não querem que suas filhas aprendam a ler, sob o pretexto de que a instrução de uma mulher deve limitar-se aos serviços domésticos e à costura”.

Além da pouca frequência, explica Almeida (2000, p. 61), havia um inconveniente para sua manutenção e estabelecimento: semelhantemente às escolas para meninos; não havia professoras em condições de dirigir uma escola, mesmo porque, além de não ser uma prática comum a educação das mulheres, quase não lhes era permitido exercer uma função pública, devido aos costumes e hábitos daquela época. Dessa forma, prossegue Almeida (2000, p. 61), era possível encontrar em todo o império, em 1832, conforme consta numa estatística oficial, 18 escolas de meninas e 162 escolas de meninos. Dessas 180 escolas espalhadas pelas províncias do Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Pará, São Pedro do Rio Grande do Sul e Piauí, em 40 delas não havia professores, e destas, 8 eram escolas femininas. Então, em todo o Brasil, funcionavam apenas 10 escolas para meninas.

No entanto, argumenta Tobias (1972, p. 94) o fato da mulher não ter recebido a educação escolarizada, não significa que ela deixou de ser educada. Esta educação aconteceu de uma forma exclusivamente empírica, enclausurada dentro de casa tal como uma monja, “[...] daí o analfabetismo ingênito da mulher brasileira, sua associabilidade, falta de traquejo nas relações sociais, boa parte de sua tristeza e nostalgia, nos tempos coloniais”.

Niskier (1995, p. 86), por sua vez, faz a seguinte descrição da educação nas primeiras décadas do século XIX, à qual, permite, ter uma idéia da época em que nasceu Irineu Evangelista de Sousa: o desenvolvimento da instrução primária se encontrava em um período de desordem, pois, mesmo depois da Corte ser instalada no Rio de Janeiro não havia um plano geral a ser seguido em todas as capitanias do Brasil. Dessa forma, os pedidos para a criação de escolas de primeiras letras aumentavam muito. Assim, finaliza Niskier (1995, p. 87), o exame criterioso da legislação brasileira no período que se estende da vinda da Família Real ao Brasil até às vésperas da Independência, aponta, além de tudo, que o atendimento oficial acontecia em consonância com as necessidades do momento, não havendo nenhum plano diretor, estando “[...] à mercê das exposições enviadas pelos governadores das capitanias, autoridades religiosas, além das corporações de comerciantes, ou ainda, do interesse particular de professores e de pais de alunos”.

Diante disso, pode-se afirmar que a educação que Dona Mariana de Jesus Batista, a mãe de Irineu Evangelista de Sousa possuía não havia sido adquirida nos bancos escolares, uma vez que não existiam escolas para meninas no Rio Grande do Sul. Entretanto, poderia ser uma herança de suas raízes européias. No texto de Caldeira (2001, p. 38) é possível encontrar indícios sobre a situação da educação no Rio Grande do Sul nos primórdios do período oitocentista, em especial a condição educacional dos imigrantes portugueses, provenientes da ilha de Açores, terra de origem dos avós, tanto paternos quanto maternos, de Irineu Evangelista de Sousa: “em geral eram filhos de colonos com boa educação”. Em outro trecho Caldeira (2001, p. 42) afirma que o avô materno de Mauá, José Batista de Carvalho “cuidou de escrever uma petição assinada pelos moradores e mandada para o bispo do Rio de Janeiro”. Tratava-se,

pois, de pessoa com um certo grau de educação e esta, certamente, foi adquirida na Europa; e em se tratando de imigrantes, estes, por sua vez, transmitiam este conhecimento aos seus filhos.

Esta pode ser uma explicação para a educação atípica que Mauá recebeu: diferente da educação literária, humanista cheia de retórica oferecida nas escolas, totalmente desinteressada na formação do homem para o trabalho. Mauá, após ter recebido a instrução das primeiras letras, buscou aperfeiçoar seus conhecimentos numa educação que tinha um sentido totalmente prático, pois sua aprendizagem servia tão somente de suporte para a sua atividade profissional.

## 2 A formação profissional de Mauá

O primeiro emprego, início da carreira comercial de Irineu Evangelista de Sousa, foi numa pequena loja no Rio de Janeiro. Na época o comércio, segundo Faria (1958 p. 49), era visto como uma atividade inferior destinada aos portugueses pobres e aos brasileiros analfabetos. Isso levava os rapazes de boa família a se distanciarem dele. Todavia, foi ali que o futuro Visconde de Mauá iniciou a sua vida profissional. Naquele estabelecimento ele fazia pequenos serviços e servia de engraxate para os caixeiros mais antigos da casa, aumentando assim o seu salário.

Antes de completar doze anos, Irineu se transferiu, já como caixeiro, para uma loja comercial de maior importância, a do português João Rodrigues Pereira de Almeida. Ao completar treze anos, devido à sua postura correta, havia adquirido a confiança do patrão e a guarda das chaves do cofre estava sob sua responsabilidade.<sup>5</sup>

Durante o período em que foi caixeiro na loja de João Rodrigues Pereira de Almeida, Mauá teve acesso a todo o mecanismo que regia o comércio no Brasil, pois, segundo Murasse (2001, p. 72), ele diferia dos demais comerciantes portugueses da época: além de atuar no comércio, era banqueiro, armador, industrial e tinha sua maior fonte de lucro no tráfico de escravos. Por volta de 1829, continua a autora, João Rodrigues Pereira de Almeida, decidiu liquidar seus negócios através de uma falência amigável, em consequência da crise econômica que atingiu várias casas comerciais portuguesas. Deste modo, colocou à disposição de seus credores todos os seus bens particulares, inclusive sua casa. Seu credor principal Ricardo Carruthers, comerciante escocês e “proprietário da Carruthers & Co., uma das maiores empresas de importação da praça”, negou-se a receber o pagamento, pois segundo ele, na Inglaterra, o lar era intocável.

Em retribuição ao favor, Almeida apresentou Irineu ao escocês ao qual, segundo Ganns (1998 p. 23), entregou o menino como se fosse uma jóia. Faria (1958, p. 63) ao mencionar este mesmo episódio afirma terem sido estas as palavras de Pereira de Almeida: “[...] quero pagar-lhe este serviço, dou-lhe um bom caixeiro”. Já Besouchet (1978, p. 26) acrescenta mais um dado: “Aceita, porém o caixeiro Irineu Evangelista como auxiliar de contabilidade. Será Carruthers o homem do destino. Aliás, Mauá, ao escrever sua autobiografia, emprega a palavra destino para definir a força que o arrastou desde essa época à realização de grandes empresas”.

Carruthers, homem inteligente e educado percebendo a dedicação e a diligência de Irineu Evangelista de Sousa, apresentou-o ao mundo dos negócios internacionais. Assim, através da sua tutela, Mauá, cresceu e prosperou. Em tempo hábil, afirma Bianchi (1987, p. 27), dominou o inglês e aprendeu a calcular juros na moeda inglesa, a libra esterlina.

Sua sede de conhecimento o levou a estreitar relações de amizade com seu patrão, e este, por sua vez, abriu-lhe, sem acanhamentos, sua biblioteca particular. Essa aproximação, afirma Caldeira (2001, p. 117), transformou Carruthers de professor em companheiro de debates: “com o tempo, o caixeiro que quanto mais trabalhava e estudava, mais queria trabalhar e estudar acabou substituindo os ingleses em muitas conversas sérias. Irineu deixava-se levar, embevecido pela sabedoria do patrão, e moldava cada vez mais seu comportamento pelas lições”.

Irineu Evangelista de Sousa possuía, aponta Caldeira (2001, p. 117), algum conhecimento de Economia Política, adquirido através dos manuais de José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, tido como leitura obrigatória entre os caixeiros portugueses. Porém, somente quando se transferiu para a Carruthers & Cia cursou a disciplina completa, ministrada pelo seu patrão durante os finais de semana e no período da noite. Assim, através de Carruthers, Irineu Evangelista teve a oportunidade de conhecer a Inglaterra sem ter saído do país. A sua formação, segundo Ruiz (1972, p. 13), tornou-se assim, “[...] tipicamente inglesa”.

Esta formação intelectual de Irineu Evangelista ocorreu, entretanto, fora das instituições de ensino. Enquanto aqueles que freqüentavam as escolas aprendiam humanidades, ele estudava economia e política. Este conhecimento fez dele um homem incomum para a época.

### 3 A influência socialista na educação de Mauá

Os vestígios das influências que alicerçaram a formação de Mauá, afirma Faria (1958, p. 95), trazem em si uma grande dose de mistério, sendo “[...] quase necessário adivinhá-los”. O autor, desejoso de desvendá-lo, analisou seus discursos políticos, cartas particulares e oficiais, escritas em datas posteriores a 1853, já na maturidade de Mauá. Antes deste período, explica o autor, há notícias de alguns artigos de jornais ou escritos de conotação comercial ou judicial, os quais nada indicam. Este material compilado apresentou a Faria as primeiras manifestações que lhe forneceram alguns dados para a sua pesquisa.

Faria (1958, p. 96) afirma não possuir nenhuma dúvida quanto à influência filosófica sobre a formação intelectual de Irineu Evangelista de Souza, que o tenha convencido na sua juventude, “[...] que lhe estava destinado o papel de civilizador industrial de sua pátria”. Faria (1958, p. 96), vale-se do sansimonismo para justificar o motivo que talvez tenha levado Mauá a se interessar pela política que era considerada, na época, um instrumento de aparente dignidade e um meio de fazer o bem.

Ganns (1998, p. 41-43), entretanto, discorda de Faria e diz que vincular Mauá ao sansimonismo lhe parece uma idéia um pouco forçada, pois, a seu ver, as circunstâncias citadas foram “meramente acidentais”<sup>6</sup>. Ganns afirma ainda que a formação de Irineu Evangelista de Sousa é apenas inglesa e que, por insuficiência de provas, achou melhor deixar de lado “manias de catalogação arbitrárias e precárias e filosofias hipotéticas e fugitivas – para definição de um indivíduo que nada tinha de teórico”.

No entanto, Chacon considera injusta a dedução de Ganns com relação à falta de interesse teórico de Mauá, alegando ainda ser impossível que, nas dez viagens que fez à Europa, o Saint-Simonismo tenha escapado à sua observação:

Em primeiro lugar, exatamente como Homem prático, êle não podia ignorar os grandes debates ideológicos do seu tempo, que via em primeira mão na Europa, sem precisar recorrer a livros e jornais importados, como a maioria dos nossos doutrinadores nativos. **O próprio vocabulário, e as nítidas idéias de Mauá em torno da missão salvadora do industrial, revelam um sentido carismático que êle só pode ter racionalizado ao familiarizar-se com o Saint-Simonismo.** (CHACON, 1965, p. 250-251, grifo nosso)

Chacon (1965, p. 254) compara ainda alguns trechos de artigos publicados em jornais creditando a exatidão das palavras a alguma leitura, muita meditação teórica, e não somente à prática diária de um negociante, como enfatizou Ganns. Para ele, “Mauá tinha todas as possibilidades de ser um saint-simoniano”. Por isso, não seria possível creditar apenas à coincidência o encontro do seu vocabulário com as suas idéias, ambos com nítidas semelhanças com os utilizados pelos adeptos de Saint-Simon.

Na ânsia de obter respostas para as suas inquietações, Faria (1958, p. 96) questiona quais seriam as influências que teriam conduzido um rapazote que emergiu do nada a liquidar, no apogeu dos seus 33 anos, a casa comercial que lhe havia proporcionado uma grande fortuna particular<sup>7</sup> e a se lançar em um empreendimento sem exemplo em nossa terra, e raro em outros países. Para Faria, era incompreensível que uma fortuna como a de Mauá, adquirida através de muito trabalho, fosse muitas vezes colocada em risco, segundo a argumentação do próprio Irineu Evangelista de Sousa, pelo “simples” fato de atender sua maior aspiração – fazer algum bem.

A diferença entre Irineu Evangelista de Sousa e os homens de sua época, escreve Faria (1958 p. 97), era a intuição que ele possuía de ser predestinado a grandes coisas. Atribuir seus feitos à ambição, ao reconhecimento e à glória, não responde à inquietação, pontua Faria.

Mauá estava envolvido em todos os acontecimentos importantes do seu tempo. Enquanto se inaugurava o Segundo Império, através do golpe da maioria, ele percorria a Inglaterra buscando novidades técnicas no ramo da indústria, a fim de que o país se posicionasse em condições de igualdade com a Europa, pois ele tinha, inegavelmente, um grande projeto para desenvolvê-lo e nesse empreendimento, diz Mauá (1987, p. 4), “a idéia de vir a possuir uma grande fortuna” era uma “questão secundária em meu espírito”. É este o sentido das palavras de Sousa (1987, p. 5), na Exposição dos Credores: “Na nova esfera de trabalho, a que a força *do destino* me arrastou, coube-me em partilha *intervir* na realização de muitos e importantes cometimentos.”

É possível que esse posicionamento de Mauá revele a influência do sansimonismo. No que concerne aos privilégios da riqueza e ao proveito individual, assevera Dommanget (1974, p. 162), Saint-Simon os mantinha na medida que estes fossem destinados à indústria, por considerar “[...] o industrialismo ou regime industrial, verdadeira organização dos produtos”, sua real tendência. Era, assim, um defensor fervoroso da economia organizada.

Teixeira (2002, p. 47) supõe que a fé inabalável na ciência e no progresso humano levou Saint-Simon a propor, em 1814, a “reorganização da sociedade européia”, através do “Conselho de Newton”, constituindo um parlamento composto pelas quatro divisões da humanidade (a francesa, a inglesa, a alemã e a italiana) com o propósito de examinar e resolver todas as questões de interesse geral desta sociedade:

Neste sentido o próprio Saint-Simon (2002, p. 51) sugere que deveriam ser feitas subscrições diante do túmulo de Newton<sup>8</sup> onde cada subscritor indicaria três físicos, três matemáticos, três músicos, três químicos, três pintores, três fisiologistas e três literatos. Dessas subscrições, seriam escolhidos os três mais votados de cada categoria que, juntos, formariam os vinte e um eleitos pela humanidade e receberiam o nome de Conselho de Newton, cujo presidente seria o matemático que obtivesse mais votos. Saint-Simon afirma que suas observações e reflexões tinham um único objetivo: a felicidade da humanidade, e que o projeto por ele concebido seria muito útil a sociedade.

Faria diz que, apesar de sua excentricidade em lançar as bases para uma religião que substituiria a forma religiosa e política que foram abaladas pelos enciclopedistas e pela Grande Revolução, Saint-Simon foi um homem que teve a percepção de tudo quanto deveria:

Constituir o objeto das preocupações do século. Lançando as bases de uma doutrina que passava o poder espiritual dos padres para os sábios, e o poder temporal para os mais notáveis entre os industriais, os sábios e os artistas, êle [sic] deixou, a par da semente benéfica de uma doutrina de civilização industrial, o micróbio de umas tantas extravagâncias místicas com que seus discípulos mais próximos, seus executores testamentários, lhe comprometeram a respeitabilidade, agravando e desvirtuando as excentricidades do mestre. (FARIA, 1958, p. 100)

Na sociedade criada por Saint-Simon, argumenta Dommanget (1974, p. 163), a classe industrial estaria, preferencialmente, na primeira fila. Ele acreditava que esta classe poderia sobreviver sem as outras, mas nenhum outro segmento da sociedade poderia passar sem ela. Afirmava ser a classe industrial a que possuía os meios seguros para, num período de transição, passar de governada a governante.

Saint-Simon (2002, p. 47) preconizou uma revolução industrial, através de hipóteses, quando a indústria ainda ensaiava seus primeiros passos. Para ele a classe industrial era fundamental na sociedade por ser ela “a classe que alimenta a sociedade”.

Na doutrina Sansimoniana, demonstra Faria (1958, p. 100), aos sábios estava destinado o aperfeiçoamento, a fiscalização e a difusão da ciência, além de dirigir a educação pública; aos industriais e aos artistas caberia a tarefa de determinar o lugar de cada um, conforme sua capacidade, indicado através de testes que antecipavam as modernas conclusões científicas. O progresso da ciência e a reestruturação da indústria ocorreriam “por meio de maravilhoso instrumento de crédito, graças ao qual o dinheiro do ocioso ia, por intermédio do banqueiro, à mão do trabalhador”.

Besouchet (1978, p. 58) acredita que Irineu Evangelista de Sousa defendia idéias semelhantes ao concentrar num banco de crédito “os capitais flutuantes”, originados pelo fim do tráfico de escravos proporcionando, assim, o desenvolvimento de novas fortunas particulares. Através do aumento da fortuna privada, favoreceu a fortuna pública, estabelecendo a livre concorrência, incrementando e expandindo o mercado de capitais, diminuindo a dependência do país do capital estrangeiro que aplicava juros elevados.

Sant-Simon (2002, p. 59), no texto “A Parábola”, publicado em 1810, também questiona a utilidade dos nobres, e de todos os cargos burocráticos. Ele afirma que se a França perdesse trinta mil indivíduos num só dia, não haveria dificuldades em se ocupar os lugares vagos, e que a prosperidade da França só ocorreria “[...] como resultado do progresso das ciências, das artes e dos ofícios [...]”.

Seria esta a inspiração que levou Irineu Evangelista de Sousa, no dia 29 de agosto de 1852, na cerimônia de fundação<sup>9</sup> das obras da estrada de ferro quando, numa demonstração do poder dos seus princípios, levou o Imperador e seus ministros a darem início aos trabalhos cavando a terra para a colocação do primeiro dormente? Ou estaria Mauá cumprindo apenas a orientação dada por Owen<sup>10</sup> em seu texto “O Livro do Novo Mundo Moral” que sugere o seguinte:

É preciso convencer governantes e governados da verdade e do valor dos princípios, sem o que o sucesso é impossível. O passo seguinte, igualmente difícil, consiste em lhes explicar claramente todas as medidas necessárias para efetuar, com ordem, sabedoria e previdência, a transição do sistema falso para o sistema verdadeiro; e será preciso perseverar pacientemente nessa via, sem considerações pessoais. Os que têm o capital necessário, coração e espírito capazes de empregá-lo vantajosamente, poderão adotar medidas mais práticas para criar exemplos a serem seguidos. (OWEN, 2002, p. 144).

A transcrição de um trecho do discurso de Mauá, proferido por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro de Petrópolis apresenta alguns indícios:

Coube-me então a distinta honra de depositar nas mãos de Vossa Magestade um humilde instrumento de trabalho, do qual Vossa Magestade se não desdenhou de fazer uso, como para mostrar aos seus subditos que o *trabalho*, esta fonte perenne da prosperidade publica, era não só digno de sua alta protecção, porém mesmo de tão extraordinária honra!

Este exemplo, Senhor, não foi perdido, elle fez vibrar em nossos corações o entusiasmo, e o entusiasmo é esse sentimento um tanto indefinível, mas que, uma vez despertado em corações generosos, não há mais sacrificios de que estes não sejam capazes, não ha mais obstáculos que não saibão vencer. (SOUSA, 1987, p. 23-24).

Assim, da mesma forma que Owen buscou uma nova forma de conduta, Saint-Simon também estabeleceu um código de moral bem diferente da moral do evangelho. Neste novo código foram considerados os interesses continentais, no lugar dos interesses nacionais.

Demonstrar-se-á aí que os princípios sobre os quais há de vir a repousar a confederação européia são os melhores, os mais sólidos, os únicos capazes de tornar a sociedade tão feliz quanto ela o pode ser, quer para a natureza humana, quer para o estado da sua ciência. (OWEN apud DOMMANGET, 1970, p. 174).

Este novo código, conforme Dommanget (1970, p. 174), objetivou fortalecer a união política que a Europa necessitava e que, embora tenha sido buscado inutilmente na unidade religiosa, não puderam encontrá-la “[...] senão na unidade das doutrinas morais e de direito público”. Foi assim que em 1808, acrescenta Dommanget (1970, p. 174), o filósofo rejeitou a norma de conduta do evangelho que norteava o código de moral “[...] *Système Industriel*, não faças ao próximo o que não queres que te façam”, por achá-lo negativo e, conseqüentemente, não impor obrigações ao indivíduo consigo mesmo. “O homem deve trabalhar”, seria o novo princípio que nortearia as ações do indivíduo e da sociedade<sup>11</sup>.

Nesse sentido, Irineu Evangelista de Sousa (1987, p. 1) inicia a “Exposição dos Credores”, explicando a origem de sua fortuna que lhe proporcionava uma total independência mesmo sendo ainda tão jovem, “por meio de infatigável e honesto labor”, dando-nos a impressão de que, à semelhança de Saint Simon, Mauá considerava o trabalho o princípio norteador “das ações do indivíduo.”

Faria (1950, p. 114-116) ainda coloca Irineu Evangelista de Sousa na classe dos discípulos de Saint-Simon que pertenciam ao ramo viajado; para a felicidade do Brasil, pois a tarefa destes discípulos era viajar por várias partes do mundo, visitando os estabelecimentos, observando o progresso e verificando as possibilidades de introduzir esses melhoramentos no seu país de origem. Para sustentar esta tese o autor menciona que, entre 1853 e 1865, o Visconde de Mauá, a bordo de pequenos vapores, realizou dez viagens à Europa e oito para os países do Prata.

Teixeira, ao estudar os socialistas utópicos, encontrou no livro de Owen<sup>12</sup> “O Livro do Novo Mundo Moral”, a “nova divisão da sociedade em classes” que se daria de acordo com a idade e o grau de experiência, e de conformidade com as “[...] eternas leis da humanidade, a classificação natural e racional far-se-á [...]”, através de determinações de funções para cada um, respeitando as tendências naturais.

Embora não estabelecesse com exatidão, Owen apresenta a sociedade dividida em **oito classes** (grifo nosso) distintas, que iriam do nascimento até aos sessenta anos. A classe que integra o ramo viajado, seria a **sexta classe** (grifo nosso) acolhendo no seu interior as pessoas com idade entre 25 a 30 anos que exerceriam a seguinte função:

A principal ocupação será a conservação e a distribuição da riqueza, o que não ocupará provavelmente mais de duas horas por dia. O resto do tempo poderá ser utilizado para visitar estabelecimentos, para observar o progresso e verificar se é possível introduzir melhoramentos; para prosseguir seus estudos nas ciências e nas belas artes, para experiências, leituras, conversas e para aquisição de talentos do seu agrado; para visitar as comunidades vizinhas. (OWEN, 2002, p. 132).



Já à **oitava classe que atenderia a idade de quarenta a sessenta anos**, diz Owen, seria delegada a seguinte tarefa:

Os membros dessa classe terão adquiridos todo o saber e a experiência necessários. Receberão os visitantes, corresponder-se-ão com os outros estabelecimentos, **regularão os meios de transporte**, a troca dos produtos supérfluos e das invenções e melhoramentos. Viajarão para receber e transmitir ensinamentos e, por toda parte, encontrarão amigos e fartura dos objetos necessários e agradáveis. (OWEN, 2002, p. 133, grifo nosso).

No que se refere aos meios de transporte, Faria (1958, p. 151) argumenta que, o mais impressionante na obra de Mauá e, seguramente, o mais útil ao Brasil, foi o empreendimento das estradas de ferro<sup>13</sup>, pois ele não somente acreditava ter chegado o momento “dos caminhos de ferro” no país, mas através de ousadia, de dinheiro seu e de seus amigos, sem nenhuma subvenção do governo, realizou o que estava, até então, restrito a leis e a autorizações que não saíam do papel.

As pretensões de Irineu Evangelista de Sousa (1987, p. 24), com esta iniciativa, podem ser comprovadas no discurso que pronunciou na inauguração da Estrada de Ferro de Petrópolis: trazer para o Brasil “a prosperidade e civilização [...] que o Rio de Janeiro será um centro de commercio, industria, riqueza, civilisação e força que nada tenha que invejar a ponto algum do mundo”.

Besouchet (1978, p. 75) apresenta uma explicação para os empreendimentos criados por Irineu Evangelista de Sousa. Ela acredita que Mauá, ao imaginar um complicado sistema de transportes ferroviários e fluviais – saindo do Amazonas, indo ao Rio do Prata, não deixando para trás o Triângulo Mineiro, incluindo a fecunda zona do São Francisco – tinha em mente a união dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, através da Via do Rio Verde, verdadeira ligação do Triângulo Mineiro.

Já a união dos estados do Paraná e do Mato Grosso através dos caminhos de ferro com extensão até a Bolívia, acrescenta Besouchet (1978, p. 75), visavam atrair o “[...] comércio do Pacífico ao Atlântico. Pensava unir o centro econômico do verdadeiro coração do Brasil, o Vale do São Francisco, ao centro político da Corte. Cruzar a Serra do Mar e atingir o sertão baiano. Entrelaçar as zonas do sul ao centro”.

A Serra de Cubatão, diz a autora, seria dominada por um extenso caminho de ferro que conduziria aos distritos mais produtores da Província de São Paulo, locais estes que, devido às condições favoráveis, iniciavam o desenvolvimento da cultura do café, garantindo assim um futuro generoso à província.

Mauá não levou a termo os seus projetos de ligar de norte a sul, de leste a oeste, enfim, todo o território brasileiro com as suas estradas de ferro, analisa Besouchet (1978, p. 76), devido à imaturidade do país na questão de “[...] empreendimentos desta natureza. Colaborou, entretanto, em quase todas as iniciativas industriais e empresas impulsionadoras do progresso nascidas naquela época”. Mesmo sem ter conseguido concretizar, em toda a sua dimensão, o seu amplo plano ferroviário – que, diga-se de passagem, ainda na atualidade continua inacabado – Besouchet (1978, p. 75) afiança que se deve a Mauá: primeiramente, a demonstração da viabilidade em se formar empresas com o capital brasileiro e que explorassem tais vias de transportes e, finalmente, o fato de ter despertado a atenção dos homens do governo para a lucratividade econômica de novos caminhos de comunicação.

Dessa forma, afirma Besouchet, se no período do impulso industrial mais significativo pelo qual passou o país o plano por ele idealizado tivesse sido concluído em toda a plenitude, a fisionomia do Brasil teria sido radicalmente modificada:

Teria feito do Brasil, um vasto campo de renovação econômica pela revolução operada na distribuição dos produtos da terra estancados em seus centros de origem. Teria integralizado zonas que até hoje sofrem os defeitos do centralismo exagerado: Amazonas, Mato Grosso, o sertão baiano e o mineiro. (BESOUCHET, 1978, p. 75).

Buscando ainda encontrar vestígios do socialismo utópico em Irineu Evangelista de Sousa, na leitura da primeira parte do texto de Owen “O Livro do Novo Mundo Moral”<sup>14</sup>, encontramos a seguinte afirmativa:

Os homens em lugar de permanecerem irracionais, como têm sido até o presente, tornar-se-ão racionais e necessariamente caridosos para com seus semelhantes, quaisquer que sejam sua pátria, sua cor, sua língua, seus sentimentos e sensações; bons e benevolentes para com tudo o que vive. (OWEN, 2002, p. 109).

Prosseguindo na análise do texto de Owen, é possível constatar que no item IV, da segunda parte do livro - “Princípios da Religião Racional”, o autor explica a base da religião do novo mundo que, ao invés de dividir os homens, os uniria, e esta não seria baseada em falácia, mas tão somente na ação, embasada em acontecimentos imutáveis, em princípios gerais “que ninguém pode derrubar”, sem formalidades e isenta de dogmas, sendo parte da essência e do espírito do homem, desde a mais tenra idade:

Sua prática consiste, para o homem, em somar seus esforços aos de seus semelhantes, para a eliminação das causas que produzem o mal e a criação de uma nova ordem de circunstâncias superiores, tanto quanto o permitam os conhecimentos e meios atuais. (OWEN, 2002, p. 112).

Ao considerar Irineu Evangelista de Sousa como um dos discípulos de Saint-Simon, pode-se entender as razões que o levaram a escrever a “Exposição do Visconde de Mauá aos Credores de Mauá & C e ao Público”. O próprio Mauá (1978, p. 5) afirma que: “A explicação das causas que possam ter influído no desastre, que eu considero grande, porque não sou o *único que sofre*, e os interesses de terceiros affectados tocão-me no *fundo d’alma*.” Ele cumpria, deste modo, um dos Princípios da religião Racional. Mauá (1987, p. 5) assegura que, em tais situações, o esclarecimento era simultaneamente um direito e um dever e, uma vez que nem todos os seus empreendimentos obtiveram resultado benéfico, o ato de trazer ao conhecimento público os motivos da sua derrocada, era também “[...] *outro* direito e *outro* dever, pois ambiciono ser julgado pela verdade verdadeira, e não pelas interpretações da maledicência.”

Owen, da mesma forma que Mauá, privilegiava a verdade, como se vê nessa passagem de seu texto:

Como a verdadeira religião consiste unicamente na aquisição do conhecimento da **verdade** e em sua aplicação prática, em conformidade com os fatos e as leis da natureza humana, conhecimentos e aplicações esses que assegurarão a felicidade permanente da humanidade, o primeiro passo para a verdadeira religião será uma percepção clara das causas do bem e do mal. (OWEN, 2002, p. 112).

Mais adiante, ao enumerar as instituições que deveriam nortear a nova sociedade, no item 11, Owen (2002, p. 119), diz o seguinte: “A única linguagem falada ou expressa em

palavras, olhares ou ações será a da verdade, sem mistério, mistura de erro, nem temor ao homem.”

Assim, ao analisarmos o sistema de Saint-Simon e da sua escola, percebemos que toda a sua teoria tem como fundamento o princípio do progresso e da evolução social. Fundamentos estes que permearam também a trajetória de Mauá, pois as suas realizações faziam parte de um projeto de modernização para o país, que tinha como premissa transformar o Brasil em um “[...] centro de comércio, indústria, riqueza, civilização e força, que nada tenha que invejar a ponto algum do mundo” (SOUSA, 1987, p. 24). Isso não significa que, na aplicação deste método e princípio, Saint-Simon e seus discípulos não tenham seguido por um caminho no qual os resultados nem sempre foram satisfatórios. No caso de Mauá, o tempo não lhe foi favorável, pois as realizações só se efetivavam se iam ao encontro dos interesses da pequena elite dirigente do país. O Brasil não estava, pois, preparado para tais empreendimentos. Apesar disso, o Visconde de Mauá marcou profundamente o Segundo Império com as suas realizações. Essa atuação de Mauá foi assim interpretada por Besouchet (1978, p. 165): “Mauá não amava o dinheiro, e sim a ação. Não estava preso à vida de homem rico e sim aos vultosos empreendimentos que podia realizar. O dinheiro não era para ele um fim, mas um meio.”

#### 4 Considerações finais

Ao buscar a compreensão de como ocorreu a educação de Irineu Evangelista de Sousa, pode-se perceber que entre a instrução oficial daquele período e o aprendizado de Mauá, nada existia em comum. Aquela visava a cultura literária impregnada de retórica que tinha por finalidade a formação da elite, enquanto a educação recebida por Mauá almejava fins práticos, pois seu aprendizado estava relacionado à sua atividade e era, portanto, um instrumento útil para o desenvolvimento de suas aptidões para o trabalho.

As primeiras letras ele aprendeu com sua mãe e o aperfeiçoamento se deu através de estudos, ora sozinho, ora com o auxílio de pessoas mais experientes. Enquanto na escola oficial prevalecia o ensino das humanidades, Mauá cursava a disciplina de Economia Política; enquanto a elite estudava latim, Mauá aprendia inglês e já estava totalmente inteirado do comércio internacional de importação e exportação.

O aprendizado que se aperfeiçoou durante sua longa trajetória, teve seu início em 1822 e o levou em 1836, a deixar a condição de simples caixeiro e se tornar gerente de uma casa comercial inglesa. Em 1846, o comerciante visionário, rico e sem compromissos alcançou o posto de grande e ousado industrial. Besouchet (1978, p. 76) afirma que Mauá foi aquele que marcou definitivamente o “[...] caráter do século industrial brasileiro, inaugurando a fase mais brilhante do Segundo Reinado”.

Visto pela maioria de seus biógrafos como um progressista completo devido à sua intensa atividade, contrapondo-se aos comerciantes brasileiros, Mauá não era exportador de matérias-primas; ele exportava capitais, empresas, financiamentos e obras de melhoramentos públicos.

O conjunto de suas ações era complexo devido à abordagem que fazia, simultaneamente, de todos os aspectos da indústria, das finanças e do comércio. Foi, ao mesmo tempo, industrial, estancieiro e banqueiro. Não utilizava trabalho escravo e se preocupou, essencialmente, com a colonização e imigração de mão-de-obra livre.

Irineu Evangelista de Sousa não era um regionalista, nem mesmo um nacionalista: era simplesmente um brasileiro que possuía idéias cosmopolitas, com uma certa dose de liberalidade, e que eram muito avançadas para o Brasil daquele período.

Mauá foi, sem sombra de dúvida, um homem de negócios, que sofreu as influências do seu tempo e do meio como qualquer outro. As suas realizações trazem, no seu bojo, o ideal mais avançado do capitalismo, ora com influência inglesa, ora com influência americana.

O reflexo da ação de Mauá provocou um impulso muito grande na vida econômica do país, o comércio renovou e cresceu; novas indústrias nasceram; foram introduzidos novos meios de transportes e meios de comunicação, expandindo consideravelmente a riqueza nacional.

Mauá sonhou um Brasil independente e abundante, crescendo com seus próprios recursos, livre também econômica e financeiramente de qualquer influência ou pressão internacional. A luta aberta ou disfarçada que ele manteve contra a concorrência estrangeira foi a sua perdição.

É possível que toda essa atuação ímpar do Visconde de Mauá no cenário brasileiro durante o Segundo Reinado tenha sido influenciada pelas teorias socialistas.

## REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da instrução pública no Brasil (1500–1889)**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.
- BESOUCHET, Lídia. **Mauá e seu tempo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- BUFFA, Ester. Contribuição da história para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em aberto** - Órgão de divulgação técnica do Ministério da Educação, Brasília - DF, ano 9, n. 47, p. 13-19, Jul./set.1990.
- CALDEIRA, Jorge. **Mauá: empresário do Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CHACON, Vamireth. **História das idéias socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- DOMMANGET, Maurice. **Os grandes socialistas e a educação**. [S.l.]: Biblioteca Universitária, 1974.
- ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo: Global, 1986.
- FARIA, Alberto. **Mauá, Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, 1813-1889**. São Paulo: Nacional, 1958.
- GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v. 18.
- MURASSE, Celina Midori. **A educação para a ordem e o progresso do Brasil: o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1856-1888)**. 184f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- NISKIER, Arnaldo. **Educação Brasileira 500 anos de História, 1500-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.
- OWEN, Robert. O livro do novo mundo moral (1836-1844). In: TEIXEIRA, Aloísio. **Utópicos heréticos e malditos**. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2002.
- PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 35 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul - 1820-1821**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1939.
- SAINT-SIMON. Parábola (1810). In: TEIXEIRA, Aloísio. **Utópicos heréticos e malditos**. Rio de Janeiro -São Paulo: Record, 2002.
- SOUSA, Irineu Evangelista de. **Autobiografia**. Prefácio e notas: Cláudio Ganns. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- \_\_\_\_\_. Exposição do Visconde de Mauá aos credores de Mauá & C. e ao publico. Reedição fac-similar da 1ª edição (1878). In: BIANCHI, Roberto. **Mauá empresário e político**. São Paulo: Bianchi, 1987.
- TOBIAS, José Antonio. **História da educação brasileira**. São Paulo: Juriscredi, 1972.

VAINFAS, Roberto (Org.) **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

<sup>1</sup> Apresentado no IV Congresso do HISTEDBR, na Universidade Estadual de Maringá, em julho de 2004 e não publicado nos Anais do Evento por problemas técnicos.

<sup>2</sup> Especialista em **Educação Pública no Brasil**. Aluna do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE)/ UEM.

<sup>3</sup> Professora Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação e do PPE/ UEM. Doutora em Educação.

<sup>4</sup> Ele recebeu o título de Visconde em 1874, ao estender o cabo submarino do Brasil à Europa.

<sup>5</sup> BESOUCHET, L. **Mauá e seu tempo**. Na p. 181, a autora afirma haver grande dúvida com relação ao nome do comerciante português que, em 1823, acolheu Irineu Evangelista de Sousa como caixeiro. Consta em alguns registros comerciais o nome de João Rodrigues Pereira de Almeida (nome utilizado por FARIA); em outros, aparece como Antonio José Pereira de Almeida. Besouchet diz que “como a casa comercial nos registros comerciais dos almanaques do Rio de Janeiro, desde 1823 até 1829 aparecem os ‘Rodrigues de Almeida’ para depois desaparecer completamente, é justo perguntar se não se tratava de dois irmãos”.

<sup>6</sup> Essas circunstâncias “meramente acidentais”, às quais se refere Ganns (1998, p. 42), foi a vinda ao Brasil, em 1925, “de Georges Dumas e Germain Martin - que como bons franceses, logo aplaudiram a filiação feita por Alberto de Faria do brasileiro extraordinário a um principio francês.”

<sup>7</sup> Em 1867, Mauá possuía um ativo no total de 115 mil contos de réis, enquanto que o ativo do Império era, no mesmo ano, de 97 mil. (CALDEIRA, 2001, p. 17 )

<sup>8</sup> TEIXEIRA, Aloísio. **Utópicos, heréticos e malditos**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 53. O autor diz que “Saint-Simon pensava que, para ser ‘filósofo’, era necessário conhecer as ciências, e especialmente a astronomia e fisiologia. Newton foi o ser humano que mais fez progredir a ciência, fundando sua concepção do universo exclusivamente sobre a lei experimental da gravitação; por isso Saint-Simon considerava Newton o mais respeitável dos homens, colocando-o no centro de seu novo culto, de tal modo que o estudo do filósofo inglês foi a base da nova construção social.”

<sup>9</sup> Caldeira (2000, p. 260-261), ao mencionar este episódio, diz que Irineu Evangelista de Sousa entregou ao Imperador uma pá de prata com a qual cavou a terra três vezes, despejando o produto num carrinho de jacarandá incrustado de prata.

<sup>10</sup> Grande Enciclopédia Larousse Cultural, v. 18. Robert Owen é descrito como: “filantropo e socialista britânico, de origem modesta, tornou-se empresário e amalhou uma fortuna considerável, que utilizou para melhorar a sorte de seus operários. Socialista utópico, pretendeu por fim ao sistema de salários e à miséria, elaborando um sistema baseado na cooperação mútua e na autogestão de bens.”

<sup>11</sup> ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo. Global Editora, 1986, p. 37. O autor, ao analisar as cartas de Genebra de Saint-Simon, depara-se com a seguinte proposição: “todos os homens devem trabalhar”. O filósofo expressa também, na mesma obra, o pensamento de que no governo das massas despossuídas estava o reinado do terror. Assim, em 1802, ao considerar a Revolução Francesa como uma luta de classes fez, sem sombra de dúvida, uma descoberta verdadeiramente genial. A seu ver, esta afirmativa trazia, no seu bojo, o germe da idéia “[...] de que a situação econômica é a base das instituições políticas.”

<sup>12</sup> Dommanget (1970, p. 191) se refere a Robert Owen desta forma: “Grande capitalista, torna-se num grande reformador socialista; inventor de sistema, não permanece um teórico de gabinete, mas não hesita em arriscar a sua fortuna para pôr em prática suas idéias”.

<sup>13</sup> Besouchet (1978, p. 68) efetua a seguinte consideração: “O empreendimento era tão revolucionário para a época que Charles Carroll, um dos signatários da Declaração de Independência dos Estados Unidos, subscrevendo o ato de abertura da estrada de ferro ligando Baltimore a Ohio, declarou: ‘Considero este entre os atos mais importantes da minha vida; somente inferior ao da assinatura da Declaração de Independência, se é que é inferior’ [...]”

<sup>14</sup> No item IV incluso no “Cinco Fatores Fundamentais, Base do Sistema Racional” com o título de “Princípios da Ciência da Natureza Humana.”